

O TEMPO DO SENTIDO: *CRONOS* E *AION* NO PENSAMENTO DELEUZEANO¹

Fernando Monegalha²

Resumo: Em *Lógica do sentido*, Gilles Deleuze efetuou uma distinção entre dois regimes temporais: *Cronos* e *Aion*. Seguindo a tradição estoica a esse respeito, Deleuze afirmou que *Cronos* é basicamente o tempo do presente vivo, o tempo dos corpos e suas misturas, o tempo dos estados de coisas. *Aion*, por sua vez, seria um tempo que incluiria um passado e futuro ilimitados, sendo o tempo dos acontecimentos incorporais, o tempo daquilo que é expresso nas proposições, o que equivale a dizer, o tempo do *sentido*. O que nos propomos nesse artigo é analisar essa enigmática disjunção deleuzeana, mostrando seu embasamento no pensamento estoico e suas consequências para as teses gerais de *Lógica do sentido*.

Palavras-chave: Lógica do Sentido, Deleuze, Tempo, Cronos, Aion.

Abstract: In *Logic of sense*, Gilles Deleuze performed a distinction between two temporal schemes: *Cronos* and *Aion*. Following the stoic tradition in this respect, Deleuze claimed that *Cronos* is basically the time of the living present, the time of the bodies and their mixtures, the time of states of things. *Aion*, in turn, would be a time that includes the unlimited past and future, being the time of the incorporeal events, the time of what is expressed in propositions, which is to say, the time of *sense*. What we propose in this article is to analyze this enigmatic deleuzian disjunction, showing his foundation in the stoic thinking and his consequences to the general theses of *Logic of sense*.

Keywords: Logic of sense, Deleuze, Time, Cronos, Aion.

1 Esse artigo é basicamente uma adaptação de uma comunicação proferida na III Semana de Filosofia da Linguagem do DFL-UFS - Gilles Deleuze: Lógica e sentido. Ele envolve uma abordagem ainda bastante incipiente do problema do tempo em *Lógica do sentido*, que será aprofundado de forma mais consistente em artigos futuros. Para uma abordagem mais coerente e sistemática do autor acerca da questão do tempo em *Diferença e repetição*, remetemos à nossa tese de doutorado, intitulada *O atual e o virtual em Bergson e Deleuze* (UFSCAR, 2016).

2 Professor do curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

1 Introdução

Deleuze efetua em *Lógica do sentido* uma disjunção entre dois regimes temporais: *Cronos* e *Aion*. Cronos sempre aparece nas descrições deleuzeanas como o tempo do presente vivo: tempo das profundezas dos corpos e dos estados de coisas, ele envolve (ou parece envolver) uma multiplicidade de níveis e graus. Ele corresponde, basicamente, ao tempo da primeira síntese de *Diferença e repetição*, a saber, ao tempo de um presente profundo, composto de uma diversidade de sínteses passivas. Já Aion, por sua vez, é o tempo do passado e do futuro ilimitados, o tempo dos efeitos incorporais de superfície, dos acontecimentos e daquilo que é expresso nas proposições – a saber, o sentido. Aion é o tempo do *sentido*. Englobando por sua vez as segunda e terceira sínteses de *Diferença e repetição*, Aion é aquilo que possibilita a própria linguagem, aquilo que permite que se instaure uma primeira diferença entre os estados de coisas e as proposições. Mas o que significa tudo isso, afinal de contas? Por que Deleuze precisa apelar a esse duplo regime temporal para explicar a origem da linguagem? O que nos propomos neste artigo é analisar, de uma forma bastante preliminar, os motivos de tal disjunção entre Cronos e Aion, e sua implicação para a economia geral de *Lógica do sentido*. Para tanto, precisaremos remontar brevemente ao pensamento estoico, a fim de compreender como os estoicos pensaram essa distinção, para a partir disso compreender como se efetuou a (subversiva) leitura deleuzeana do estoicismo.

2 *Cronos* e *Aion* no pensamento estoico

Antes de adentrar numa leitura imanente de *Lógica do sentido*, cabe fazer um breve recuo até o pensamento estoico pois, como se sabe, é daí que Deleuze retirará suas principais teses acerca do tempo que ele nos apresenta nesta obra. Para tanto, utilizaremos primeiramente como guia o texto de Bréhier, *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Uma das características básicas do pensamento estoico era, segundo Bréhier, recusar toda eficácia às causas inteligíveis, decretando, contra Platão e Aristóteles, que a única realidade efetiva é a dos corpos que agem e que padecem (BRÉHIER, 2012, p. 15). Isso não implica, contudo, em dizer que os corpos são as únicas coisas que existem, já que, ao lado dos corpos (*somata*) e dos estados de coisas, os estoicos admitiam a existência de certos incorporais (*asomata*), que Bréhier assim descreve: “Eles (os incorporais) constituem, ao lado dos únicos seres reais (isto é, os corpos), algo de fugitivo e inassimilável, são um ‘nada’, afirmam os estoicos. Não é entretanto um nada absoluto, pois tais coisas são objeto do pensamento.” (BRÉHIER, 2012, p. 105) Segundo Bréhier, o tempo era um dos quatro incorporais admitidos pelo estoicismo antigo, ao lado do *lekton* (isto é, o dizível ou o exprimível), do vazio e do lugar. Dos incorporais, não podemos dizer que eles existem, mas que insistem ou subsistem, ou seja,

que eles têm um modo de ser diferente daquele da existência dos corpos que agem e que padecem. Essa ênfase na insistência ou subsistência dos incorporais pode nos ajudar a esclarecer uma sentença de Crisipo que é de fundamental importância para se compreender a teoria deleuzeana do tempo. Citamos Bréhier: “Ele (Crisipo), diz que somente existe o presente, passado e futuro subsistem, mas não existem absolutamente” (BRÉHIER, 2012, p. 101). À primeira vista, esta sentença, retirada por Bréhier de um texto de Ários Dídimos, não parece apresentar maiores dificuldades: trata-se da velha afirmação de que somente as coisas presentes existem efetivamente, ao passo que as coisas passadas já não existem mais e as coisas futuras não existem ainda. Mas será tudo tão simples assim? Pois embora Crisipo negue a existência ao passado e ao futuro, ele atribui a eles ainda assim uma certa subsistência, ou seja, um modo de ser próprio que se distingue daquele do presente, o tempo dos corpos e dos estados de coisa. Passado e futuro não existem, mas *insistem* ou *subsistem* como objetos de pensamento. Além disso, a questão se mostra mais complexa se considerarmos que o presente, também ele, é composto de passado e de futuro: “o que se acreditava tomar pelo pensamento como presente é em parte futuro, em parte passado” (idem). O que diferencia então o presente do passado/futuro? O fato do primeiro ser *limitado*, o segundo *ilimitado*. Vemos essa diferença no uso dos verbos: eu digo “eu passeio”, esse verbo designa uma ação que se processa por uma determinada extensão de tempo que se desenrola no campo de meu presente vivo. Já quando eu digo “eu sentei”, esse verbo, no pretérito perfeito, designa um acontecimento já realizado, que extrapola o campo do presente vivo e nos abre para uma extensão de tempo ilimitada rumo ao passado. Como diz a esse respeito Bréhier: “portanto, o presente existe, contendo um acontecimento real, enquanto o passado subsiste, contendo acontecimentos já realizados” (BRÉHIER, 2012, p. 102). De um lado temos a existência de um presente limitado, de outro a insistência ou subsistência do passado e do futuro ilimitados como objetos de pensamento. Será basicamente essa distinção que estará na origem da distinção estoica (e deleuzeana) entre Cronos e Aion. Com efeito, antes de designar a eternidade ou a completa ausência de tempo, o Aion estoico parece designar o tempo em sua infinitude, em sua abertura ilimitada para o passado e para o futuro. Fernando Rey Puente, comentando as *Meditações* de Marco Aurélio, nos diz o seguinte: “[o *aión*] é tão somente o tempo pensado em sua infinitude e não, por assim dizer, o ‘outro’ do tempo, por isso é melhor traduzi-lo, no âmbito das *Meditações*, por tempo infinito e não por eternidade.” (PUENTE, 2010, p. 115). Seguindo, por sua vez, uma valiosa indicação de Victor Goldschmidt (2006, p. 39 e seg.), podemos dizer então que a relação entre o *aión* e *khrónos* equivale à distinção entre o *todo* e a *parte*, de um lado temos o tempo vazio, infinito a cada uma de suas extremidades (passado e

futuro), de outro o tempo limitado do presente, o único que efetivamente existe. Segundo o ponto de vista de Goldschmidt, seria um erro tomar o tempo do presente (*khrónos*) como um incorporal, já que ele existe e é atual. “Não é incorporal senão este *tempo-aión*, tempo infinito em passado e futuro e aquele instante matemático que, ele mesmo, se divide ao infinito em passado e futuro.” (GOLDSCHMIDT, 2006, p. 40). Como veremos, Deleuze seguirá tais distinções à risca em *Lógica do sentido*.

3 Cronos e Aion em *Lógica do sentido*

A segunda série de *Lógica do sentido* se inicia com uma retomada da distinção estoica entre os corpos e estados de coisas e os incorporais. Retomando a análise de Bréhier do estoicismo antigo, Deleuze distinguirá dois domínios diferentes da realidade na filosofia estoica:

Os Estóicos distinguem duas espécies de coisas: (1) Os corpos, com suas tensões, suas qualidades físicas, suas relações, suas ações e suas paixões e os ‘estados de coisas’ correspondentes. [...] Não há causas e efeitos entre os corpos; todos os corpos são causas, causas uns com relação aos outros, uns para os outros. [...] (2) Todos os corpos são causas uns para os outros, uns com relação aos outros, mas de quê? São causas de certas coisas de uma natureza completamente diferente. Esses *efeitos* não são corpos, mas, propriamente falando, “incorporais”. Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos. Não se pode dizer que existam, mas antes, que subsistem ou insistem, tendo esse mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa, entidade não existente. Não são substantivos ou adjetivos, mas verbos. Não são agentes nem pacientes, mas resultados de ações e paixões, ‘impassíveis’ – impassíveis resultados. (DELEUZE, 2007, p. 5-6)

Para ilustrar essa diferença entre os corpos e os incorporais, Deleuze retoma o clássico exemplo que Bréhier cita, o de uma navalha que corta a carne. Sem dúvida, há aí uma ação corporal, em que um corpo age eficientemente sobre outro corpo, provocando um rearranjo da mistura entre os corpos. Mas na medida em que eu profiro o enunciado “a carne foi cortada pela navalha”, eu exprimo aí um incorporal, porquanto o sentido de tal enunciado extrapola o domínio dos corpos e estados de coisas. Com efeito, podemos dizer que “a carne” e “a navalha” referem-se a determinados corpos no mundo. Mas e o “ser cortado”? Segundo Bréhier, estamos diante aí não de uma qualidade real dos corpos, mas de um atributo lógico ou dialético, já que eu não encontro o “ser cortado” entre os corpos no mundo.

Segundo Deleuze, a cada um destes domínios da realidade (corpos e incorporais) corresponde um regime temporal específico, o presente limitado – Cronos – para os corpos e estados de coisas e o passado/futuro ilimitados – Aion – para os incorporais:

O único tempo dos corpos e estados de coisas é o presente. Pois o presente vivo é a extensão temporal que acompanha o ato, que exprime e mede a ação do

agente, a paixão do paciente. Mas na medida da unidade dos corpos entre si, na medida da unidade do princípio ativo e do princípio passivo, um presente cósmico envolve o universo inteiro: só os corpos existem no espaço e só o presente no tempo. [Quanto aos incorporais, eles] não são presentes vivos, mas infinitivos: Aion ilimitado, devir que se divide ao infinito em passado e em futuro, sempre se esquivando do presente. De tal forma que o tempo deve ser apreendido duas vezes, de duas maneiras complementares, exclusivas uma da outra: inteiro como presente vivo nos corpos que agem e padecem, mas inteiro também como instância infinitamente divisível em passado-futuro, nos efeitos incorporais que resultam dos corpos, de suas ações e de suas paixões. Só o presente existe no tempo e reúne, absorve o passado e o futuro, mas só o passado e o futuro insistem no tempo e dividem ao infinito cada presente. Não três dimensões sucessivas, mas duas leituras simultâneas do tempo. (DELEUZE, 2007, p. 5-6)

Vemos aí que Deleuze retoma claramente a distinção estoica entre duas leituras simultâneas do tempo, uma restrita ao presente limitado dos corpos e outra abrangendo o passado/futuro ilimitados, Cronos e Aion. A novidade que ele nos traz é associar claramente o tempo aiônico à discussão sobre o *sentido*, o que não está claramente presente nos estoicos (pelo menos até onde pudemos verificar). Para compreendermos como se dá esta associação entre o Aion e o sentido, vale a pena nos determos na 23ª série de *Lógica do sentido*, intitulada *Do Aion*. Esta série é particularmente importante para o problema que nos ocupa, pois ela traz importantes esclarecimentos sobre as duas leituras do tempo que vimos apresentando até aqui. Deleuze começa esta série falando do tempo crônico (que não devemos confundir com o tempo cronológico). Como já vimos, a especificidade de Cronos é ser um tempo que toma como ponto de referência o presente, e tão somente o presente. Cito Deleuze: “De acordo com Cronos, só o presente existe no tempo. Passado, presente e futuro não são três dimensões do tempo; só o presente preenche o tempo, o passado e o futuro são duas dimensões relativas ao presente no tempo.” (DELEUZE, 2007, p. 167). A novidade que essa série nos traz, contudo, é a afirmação de que esse presente crônico é entretanto um tempo com uma certa abertura variável, implicando diversos graus ou níveis de duração. Cito Deleuze: “Há sempre um mais vasto presente que absorve o passado e o futuro. [...] O deus vive como presente o que é futuro ou passado para mim, que vivo sobre presentes mais limitados” (DELEUZE, 2007, p. 167). Surge dessa ideia de uma diversidade de graus do presente vivo a distinção entre um “bom” Cronos e um “mau” Cronos. O bom Cronos seria basicamente o presente vivo mais extenso que existe, o que equivale dizer, o tempo da divindade. O mau Cronos seria, por sua vez, o presente ínfimo das profundezas, o tempo das misturas materiais, o polo esquizofrênico do real. Cito Deleuze: “O devir-louco da profundidade é pois um mau Cronos que se opõe ao presente vivo do bom Cronos. Saturno ruge no fundo de Zeus. [...] O passado e o futuro como forças desencadeadas se vingam em um só e mesmo abismo que ameaça o presente e

tudo o que existe” (DELEUZE, 2007, p. 168-169). Devemos nos resguardar, contudo, de achar que o bom Cronos equivaleria ao polo espiritual do real, enquanto o mau Cronos equivaleria ao polo material. Como Deleuze salienta, Cronos está sempre vinculado à ação corporal, ele “mede a ação dos corpos e das causas” (DELEUZE, 2007, p. 167), o grau de incorporação das causas corporais entre si e sua tensão respectiva. A esse respeito, devemos nos lembrar que mesmo o deus estoico é algo corporal, confundindo-se com a razão que permeia todo o universo. A multiplicidade dos presentes vivos equivale à multiplicidade dos corpos que existem no universo, não implicando a existência de nenhuma entidade transcendente. De onde vem essa ideia de uma multiplicidade de níveis do presente vivo? Provavelmente do segundo capítulo de *Diferença e repetição*, onde Deleuze afirma a existência de diversos tipos de síntese passiva no interior do presente vivo, entre elas a síntese imaginativa, perceptiva e orgânica.

Quanto ao Aion, como já vimos, ele inscreve-se num regime diametralmente oposto àquele de Cronos: “Segundo Aion, somente o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo” (DELEUZE, 2007, p. 169). Na medida em que o Aion permite a expansão de um passado/futuro ilimitados para além do presente vivo, ele é um ponto de equilíbrio entre o mau Cronos e o bom Cronos: “O Aion não é mais de Zeus nem de Saturno, mas de Hércules. Enquanto Cronos exprimia a ação dos corpos e a criação das qualidades corporais, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais e dos atributos distintos das qualidades” (DELEUZE, 2007, p. 170). A novidade que essa série traz, contudo, é a afirmação de que o Aion está vinculado diretamente à criação do sentido e, logo, da própria linguagem:

É este mundo novo, dos efeitos incorporais ou dos efeitos de superfície, que torna a linguagem possível. Pois é ele, como veremos, que tira os sons de seu simples estado de ações e paixões corporais; é ele que distingue a linguagem, que a impede de se confundir com o barulho dos corpos, que a abstrai de suas determinações orais-anais. [...] Pertence pois ao Aion, como meio dos efeitos de superfície ou dos acontecimentos, traçar uma fronteira entre as coisas e as proposições: ele a traça com toda sua linha reta e sem esta fronteira os sons se abateriam sobre os corpos, as próprias proposições não seriam “possíveis”. A linguagem é tornada possível pela fronteira que a separa das coisas, dos corpos e não menos daqueles que falam. (DELEUZE, 2007, p. 170-171).

O Aion é, portanto, o meio em que se desenvolvem os incorporais, a fronteira entre as proposições e os estados de coisas que permite o advento do próprio sentido, o que equivale a dizer, o da própria linguagem. Mas como isso ocorre? Para compreender como isso se dá, nós temos que entender que o tempo aiônico não se refere a uma instância atemporal, mas a algo intempestivo, que

não cessa de renascer constantemente. Esse é um elemento fundamental da leitura deleuzeana, mas que já estava presente de certo modo no pensamento estoico, como podemos ver nesta bela passagem de Marco Aurélio: “fluxos e transformações renovam o cosmo continuamente, como o movimento incessante do tempo produz sempre de novo o tempo infinito” (*Meditações* VI, 15 apud PUENTE, 2010, p. 115) O tempo aiônico tem assim uma clara relação com o acontecimento, na medida em que ele é basicamente o tempo infinito que não cessa de renascer a cada instante. O que isso tem a ver com a linguagem? Basicamente, todo enunciado que emitimos tem uma clara relação com Cronos, na medida em que ele se desenvolve durante o intervalo de tempo do presente vivo: ele se desenrola durante alguns segundos, durante os quais nossa atenção percorre as suas partes componentes, retendo-as numa totalidade dotada de sentido. Mas a ligação da linguagem com o tempo não se esgota nessa ligação do enunciado com o presente vivo. Pois é uma função essencial da linguagem transpor os limites do presente vivo em que estamos inseridos para atingir um passado e um futuro ilimitados, alcançando assim acontecimentos que extrapolam em muito o âmbito daquilo que se desenrola presentemente para nós. Assim, faz parte do poder da linguagem se referir a eventos que já ocorreram muito tempo atrás, assim como a eventos que ocorrerão daqui a muito tempo, o que é possibilitado pelos verbos no passado e no futuro. Faz parte inclusive do poder da linguagem poder se referir a eventos que não ocorrem em nenhum tempo específico - esse é o papel dos verbos no infinitivo, que para Deleuze melhor ilustram o papel do tempo aiônico. Ou seja, por meio da linguagem, estamos sempre extrapolando o campo de nosso presente vivo concreto, para nos abrir para um campo temporal ilimitado. Essa ultrapassagem do presente vivo é possibilitada, por sua vez, por uma segunda temporalidade, complementar àquela do presente vivo. Essa segunda temporalidade é exatamente o Aion.

Estamos agora em condições de enxergar qual é a relevância desta teoria deleuzeana acerca do tempo. Tudo o que efetivamente existe, os corpos e os estados de coisas, estão no presente. A estrutura do presente vivo, em sua diversidade de graus, define assim a estrutura do existente, a estrutura do real. É também durante a extensão de tempo do presente vivo que os enunciados se constituem. Mas a linguagem está sempre indo além dos limites do presente vivo, sua função primária é essa. Por meio da linguagem, abre-se o acesso a um passado/futuro ilimitados. Há, portanto, um tempo eminentemente simbólico, uma segunda temporalidade que se sobrepõe àquela do presente vivo, que é o tempo aiônico. É a esse tempo, a essa temporalidade, que se referem os verbos de nossa linguagem, mesmo quando eles não se referem a tempo nenhum (infinitivos). Pela linguagem nós podemos transcender os limites do presente vivo, para aceder a um passado/futuro

ilimitados, Aion. Devemos dizer que o Aion é a condição da linguagem, ou que é a linguagem que possibilita o Aion? Talvez seja o caso de se falar de uma mútua constituição. De qualquer modo, o Aion está vinculado à questão primária da linguagem que é a questão do sentido: frases sobre o passado e o futuro somente têm sentido para nós porque nós somos dotados de uma segunda temporalidade, que se sobrepõe à temporalidade própria do presente vivo. É essa segunda temporalidade, propriamente simbólica, que Deleuze chama de Aion.

Aqui se abrem questões que o próprio Deleuze não aborda: não consistirá a nossa diferença, enquanto espécie animal, nessa capacidade de transbordar o presente vivo, de adentrar na esfera desse tempo aiônico? Afinal, o conhecimento do animal parece estar preso aos limites do presente vivo, mesmo que concedamos a ele a capacidade de recuperar o passado através da memória. O animal vive no real, enquanto nós, humanos, frequentemente nos deslocamos para um passado e um futuro que transbordam os limites do presente vivo, vamos assim da esfera de nossos vividos imanentes à esfera do mundo transcendente. Outra questão que poderia ser posta: ao contrário do que sugere Deleuze, não haveria uma certa indiscernibilidade entre Aion e Cronos, na medida em que Cronos parece ser animado de uma vontade de se expandir, devendo assim, no limite, um tempo aiônico? Ou seja, não surgiria o Aion da expansão do próprio tempo crônico, na medida em que este ultrapassa, pela linguagem, os limites do presente vivo? Não remontariam assim Cronos e Aion a uma fonte comum, ao próprio acontecimento enquanto produtor por um lado das coisas e estados de coisas, e por outro das idealidades e do sentido? O próprio Deleuze parece caminhar nessa direção quando afirma a radical univocidade da existência e da insistência, do atual e do virtual, na medida em que haveria uma medida comum entre ambos. Mas deixemos essas questões em aberto para outro artigo.

4 Referências

- BRÉHIER, E. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GOLDSCHMIDT, V. **Le système stoïcien et l'idée de temps**. Paris: Vrin, 2006.
- PELBART, P. **O tempo não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- PUENTE, F. **Ensaio sobre o tempo na filosofia antiga**. São Paulo: Annablume, 2010.